

MITO

SORAIA

À PROCURA DE

MARILYN

Marilyn é inimitável. Nisso estamos todos de acordo.
Mas a sua imagem é tão forte que pode servir
de inspiração. Por isso mesmo, nos 50 anos da sua morte,
desafiámos a atriz portuguesa mais sensual
do momento a recriar a última sessão fotográfica
da mulher que se tornou um mito.

Descubra as diferenças.

FOTOGRAFIAS ATUAIS DE ANA BAIÃO
ENTREVISTA DE BERNARDO MENDONÇA



A VOLÚPIA DAS TRANSPARÊNCIAS APÓS
ALGUNS ENSAIOS, SORAIA AGARROU O ESPÍRITO
SENSUAL DE MARILYN (FOTO PEQUENA)

"Sei que eu pertencia ao público e ao mundo, não porque fosse talentosa ou bela, mas porque nunca pertenci a nada e a ninguém", Marilyn Monroe (1926-1962). São estas palavras cheias de solidão que dão arranque ao livro da Taschen, "Three Legends: Monroe by Mailer and Stern". Os mitos são o escritor Norman Mailer, o fotógrafo Bert Stern e Marilyn. O ensaio foto-

A última sessão de Marilyn

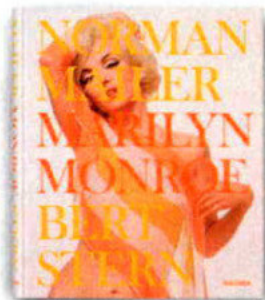


gráfico que revela Marilyn como nunca antes tinha sido vista foi feito em 1962, seis semanas antes de Marilyn se suicidar aos 36 anos. As imagens são as mais intimistas e belas da atriz. Que revelam lados contraditórios e surpreendentes da mesma mulher. Marilyn atordoada, Marilyn morena, Marilyn menina atrevida, Marilyn viúva fatal, Marilyn a diva, Marilyn a mulher desejo. Bert Stern, o fotógrafo, foi contratado pela revista "Vogue" para revelar a alma

daquela loura insaciável, órfã perdida. E conseguiu-o neste seu "Last Sitting". Despindo-a de roupas, de artifícios e máscaras. O escritor americano Norman Mailer chegou à história dez anos depois da morte de Marilyn. Considerado um dos escritores mais influentes do século XX, com dois prémios Pulitzer na carteira, lamentava nunca a ter conhecido. Um dia, foi convidado para escrever um prefácio sobre ela, mas acabou tão envolvido com o mito e a história daquela mulher que produziu a biografia "Marilyn", lançada em 1973. Como mote dos 50 anos da sua morte, a Taschen usou a biografia em que Mailer revela essa mulher doce de coração órfã, perdida entre o sonho e a realidade, a servir como narrativa para as fotos sensuais de Stern, dando-lhe o nome "Three Legends", numa edição elegante, histórica e imperdível. Para guardar.

O livro está disponível nas edições de colecionador (€1750) e, a partir de outubro, também em versão *trade edition*, mais acessível, em português (€49,99)



AS FLORES DO DESEJO SORAIA VS. MARILYN. PARA REPRODUZIR A FOTO ORIGINAL A ATRIZ PORTUGUESA COBRIU OS SEIOS COM UM LENÇO DE CAXEMIRA CORTADO AO MEIO E ENROLADO COMO SE FOSSEM DUAS ROSAS



“O meu sex-appeal é natural. Nunca o treinei”

S

Soraia chega num estilo descontraído, calças de ganga largas e t-shirt branca, sandálias nos pés, a anos-luz do símbolo sexual que vai recriar. Está meio ensonada, mas bem disposta. Apesar de detestar ver-se loura, não resistiu ao nosso convite para vestir a pele de Marilyn. Porém, à medida que se aproximava a hora de ir para estúdio os receios aumentaram. Assim como um certo desconforto e insegurança com a nudez necessária para reproduzir estas fotos. Após umas horas de ensaios frente à câmara acabou por encontrar o espírito da sessão original. E sem ficar igual, revelou a sua versão de Marilyn. Com 30 anos acabados de fazer e seis filmes no currículo não tem grandes planos para o futuro. Apenas planeia a seguir às gravações de “Dancing Days” dar uma volta ao mundo por um ano. Para limpar a cabeça e renovar-se.

Quando lhe fizemos o convite para recriar estas fotos tão reveladoras de Marilyn Monroe aceitou de imediato. É irresistível para qualquer mulher representar o maior símbolo sexual de todos os tempos? Ou é assustadora a comparação?

[Ri-se] Vou ser sincera. Achei irresistível ter a oportunidade de encarnar essa personagem, de brincar com esse ícone da beleza, sensualidade, sexualidade e feminilidade. Ela foi uma mulher única. E, hoje, quando vinha a caminho da sessão fotográfica, pensei: “Oh!, meu deus! Fazer de Marilyn? O que é que eu fui fazer? Que medo.” É interessante a pergunta, porque senti essas duas coisas. A vontade irresistível e o receio. E agora? Como vai ser? **Essa vertigem faz parte do gosto de representar outras vidas?**

Faz. E é bom. Poder vestir a pele de outras pessoas completamente diferentes de nós é um dos lados mais fascinantes do trabalho de uma atriz. É um dos grandes prazeres desta profissão. É um bocado estranho. Às vezes penso que esta minha profissão é um bocado esquisito... [hesita] Não é bem isso. É a nossa necessidade de viver outras vidas e de estar noutras peles. E brincar que somos outras pessoas que não exist-

tem. Neste caso estou à procura da Marilyn para uma sessão fotográfica.

Estas fotografias que estamos a recriar são muito particulares. Nunca antes Marilyn se tinha exposto tanto. Aqui aparece nua, a beber champanhe. Que Marilyn é esta? Em decadência? Ou ainda no seu auge?

O que me causou mais impacto foi ver uma Marilyn que nunca tinha visto. São imagens muito cruas, já na fase final da sua vida. Ela mostra a mulher em decadência. A fragilidade. É um lado da Marilyn que a maioria das pessoas não conhecia. E, de repente, essa Marilyn está ali gravada em fotografias. Ao mesmo tempo ela não deixa de ter uma beleza e um poder de sedução tão bonito de ver. É incrível, apesar de toda a sua fragilidade ter esse magnetismo único. E suicidou-se seis semanas depois. Todo esse enredo é fascinante. Pela dualidade e mistério.

Tinha uma sensualidade irresistível... Mas não queria ser só a personagem sensual que criou. Percebe-se por algumas entrevistas e frases que disse que se passou a sentir desconfortável com a imagem que as pessoas tinham dela. Apesar de ter sido ela a construir “a Marilyn”. Era uma pessoa inteligente. Lia imenso. E queria ser mais. É uma mulher que nunca se sentiu verdadeiramente confortável na sua pele.

Os homens preferem as louras?

Eu acho que há homens que preferem tudo e há homens que não preferem nada. Há homens que gostam de louras e outros de morenas. E outros que gostam de louros e de morenos [risos]. A generalização não faz parte da minha maneira de pensar.

Nos últimos anos, Marilyn tentou descolar-se do rótulo de loura burra e bomba sexual. Uma atriz jovem e bonita sofre sempre esse estigma, de ser chamada para o mesmo tipo de papéis, da boazona sexy que se despe? Não aconteceu consigo várias vezes?

[Pausa] Não tem tanto a ver com a beleza. Mas com o explorar da sexualidade sem pudor. E eu cheguei a fazê-lo nalguns papéis de uma forma natural porque faz parte da nossa natureza humana. Quando isso acontece no trabalho

de uma atriz as pessoas ficam fixadas nessa imagem sexual. Marilyn tinha uma vontade genuína de crescer, de evoluir. E eu também senti esse estigma no início do meu percurso na representação. Mas já não sinto. Basta dizer que no ano passado fiz de mãe da Florbela Espanca, na série do Vicente Alves do Ó. Um papel que nada tem a ver com um cariz mais sexual. Aí, sou uma mulher do campo de outros tempos, que se deixa morrer quando lhe tiram os filhos. Uma das coisas que me ajudou a sair desse rótulo foi protagonizar o “Call Girl”, de António Pedro Vasconcelos. Que tinha esse lado sexual, mas era uma personagem com profundidade. Sinto-me privilegiada. Fez a diferença. E evolui.

Considera-se um mulher sensual?

Não... [risos]

Como?

Depende. Tenho várias facetas. Há dias em que me sinto sensual e há dias em que me sinto muito pouco.

O sex-appeal aprende-se ou nasce connosco?

[pausa] No meu caso é natural. Eu nunca o treinei. Também tenho esse lado. Sei que tenho. Uso-o de forma natural. **Estreou-se agora na sua primeira telenovela, em “Dancing Days”, a representar uma mulher mais velha, com 42 anos (Soraia tem 30), que é antagonista e a má da fita. Está a ser tão desgastante como temia?**

É desgastante, mas também desafiante. Temos de aguentar e defender uma personagem que tem altos e baixos durante nove meses. Ainda para mais ao estar a representar uma mulher mais madura, com uma filha adotiva de 16 anos. E eu não tenho jeito nenhum com crianças [risos].

Pensa um dia fazer a mala e tentar a internacionalização? Como Joaquim de Almeida ou Daniela Ruah?

Não. É preciso talento, força e vontade natural para sobreviver a isso. E eu sou mais tranquila. Gosto de aproveitar e reagir ao que me aparece. Mas acho fantástico o que eles fizeram.

Que planos tem para quando terminar as gravações? Bolos e sol?

Talvez vá fazer uma volta ao mundo. Essa é uma vontade que tenho desde os 19 anos. Quero ter outra vida. Inspirar-me. Renovar-me. Depois de tantos meses fechada num estúdio com as mesmas pessoas é preciso respirar. Ver outras coisas. ●

bmendonca@impresa.pt

CINEMA

Morreu a 5 de agosto de 1962, cumprem-se agora 50 anos. Chamaram-lhe Marilyn Monroe, porque o nome rolava na boca como ela na vida. Entre 1952 e 1962 cruzou os céus do cinema, cometa vivíssimo e efémero — e, como escreveu Ruy Belo, “não havia no mundo uma mulher mais bela”. É um ícone do século XX

MARILYN MEMÓRIA DA MULHER MAIS BELA

Por Jorge Leitão Ramos

1. As fotografias de calendário

27 de maio de 1949: Foram 24 as fotos de nus tiradas a Marilyn, que atravessava um período financeiramente complicado. A sua carreira cinematográfica parecia não conseguir engrenar. Tinha sido despedida da Columbia, depois de uma primeira participação no péssimo “Ladies of the Chorus”, de Phil Karlson.

Diz-se que Harry Cohn, o patrão do estúdio, quando viu os rushes, telefonou a um seu assistente interpe-lando-o: “Porque é que meteste aquela gaja gorda no filme? Andas a dormir com ela ou quê?” Desempregada e sem dinheiro, Marilyn aceitou os 50 dólares que Tom Kelley lhe pagou pela sessão fotográfica.

Só duas dessas fotos seriam tornadas públicas nos anos seguintes — ambas em calendários que começaram a surgir nas paredes das garagens um pouco por toda a América. A primeira (conhecida como “A New Wrinkle”) mostrava-a de perfil, deitada sobre um fundo de veludo vermelho enrugado. Na segunda (que tomaria “Golden Dreams” como nome), ela está sentada, com as pernas dobradas e apoiada na mão esquerda, com o mesmo veludo como fundo.

Em março de 1952, estava em pleno a campanha da Fox para tornar Marilyn uma vedeta e o escândalo

reventou. Houve quem reconhecesse a rapariga do calendário e o estúdio começou a ser assediado com perguntas da imprensa. Naquela época nenhuma mulher honesta fazia fotos daquelas e, por muito menos, reputações inteiras tinham ido pelo cano abaixo. Mas Marilyn não se intimidou e, depois de uma primeira tentativa da Fox para negar, sugeriu assumir o facto, revelando que só fizera as fotografias porque precisara desesperadamente do dinheiro e dizendo que, durante a sessão, a mulher de Tom Kelley estivera presente, o que matou qualquer hipótese de a imprensa sugerir posteriores intimidades extrafotográficas.

A América perdoou-lhe, mas não se limitou a isso, fez das fotografias emblemas de uma nova era. Em dezembro de 1953, quando Hugh Hefner editou o primeiro número da revista “Playboy”, a Golden Dreams fazia as centrais. Marilyn foi, com ela, a primeira playmate.

Desempregada e sem dinheiro, Marilyn aceitou os 50 dólares que Tom Kelley lhe pagou pela sessão fotográfica



A imagem que vemos na foto só serviu como publicidade, não está no filme. No ecrã, as saias esvoaçam só pudicamente

2. A estrela de cinema

14 de setembro de 1954: Marilyn Monroe e Tom Ewell fixam a que ficaria como a mais célebre imagem da atriz, com as saias esvoaçantes sobre a saída de ar do metropolitano, ante o olhar sorridentemente incrédulo de Ewell. Nela está o protótipo da ingenuidade sensual que Marilyn estampou como imagem de marca, a da rapariga voluptuosa que sabe o efeito que causa nos homens, mas afixa isso sem maldade, como quem come chocolates ou chucha no dedo — e a inocência faz com que a temperatura ambiente cresça a níveis tropicais... Muitas fotografias se tiraram nessa noite, diante do Teatro Trans-Lux, no coração de Manhattan, onde algumas cenas de exteriores de “O Pecado Mora ao Lado” foram filmadas. O acontecimento, aliás, parece ter sido organizado para isso mesmo — como elemento promocional do filme que fez acorrer uma multidão de fotógrafos e milhares de pessoas, devidamente enquadradas pela polícia. Há quem jure ter visto as cuequinhas transparentes de Marilyn — e qualquer coisa mais, à transparência — quando as máquinas de vento repetidamente lhe ergueram as saias acima da cabeça. Há quem relate que a multidão bramava em

unísono. Mas talvez sejam tudo lendas que o passar do tempo tornou mais verdadeiras. O que é certo é que a imagem que vemos na fotografia só serviu como publicidade da Fox, não está no filme. No filme, as saias esvoaçam pudicamente e o que melhor vemos é a respiração ofegante da personagem sentindo o fresco percorrê-la de baixo a cima, um arrepião nos lábios mais significativo que qualquer exibição de roupa interior. O que está no filme foi, aliás, filmado em estúdio, em Hollywood, sem nenhuma multidão ululante a estragar a gravação dos diálogos. A história relata que quem não gostou mesmo nada de ver a mulher assim em público foi o marido de então, Joe DiMaggio. Há testemunhos de gritos pela noite dentro na suite do Hotel St. Regis onde o casal estava hospedado e de nódoas negras no corpo da atriz no dia seguinte. Uma semana depois, Marilyn confidenciou que se iam divorciar, o que viria a consumir-se legalmente dois anos volvidos.



3. Os últimos dias

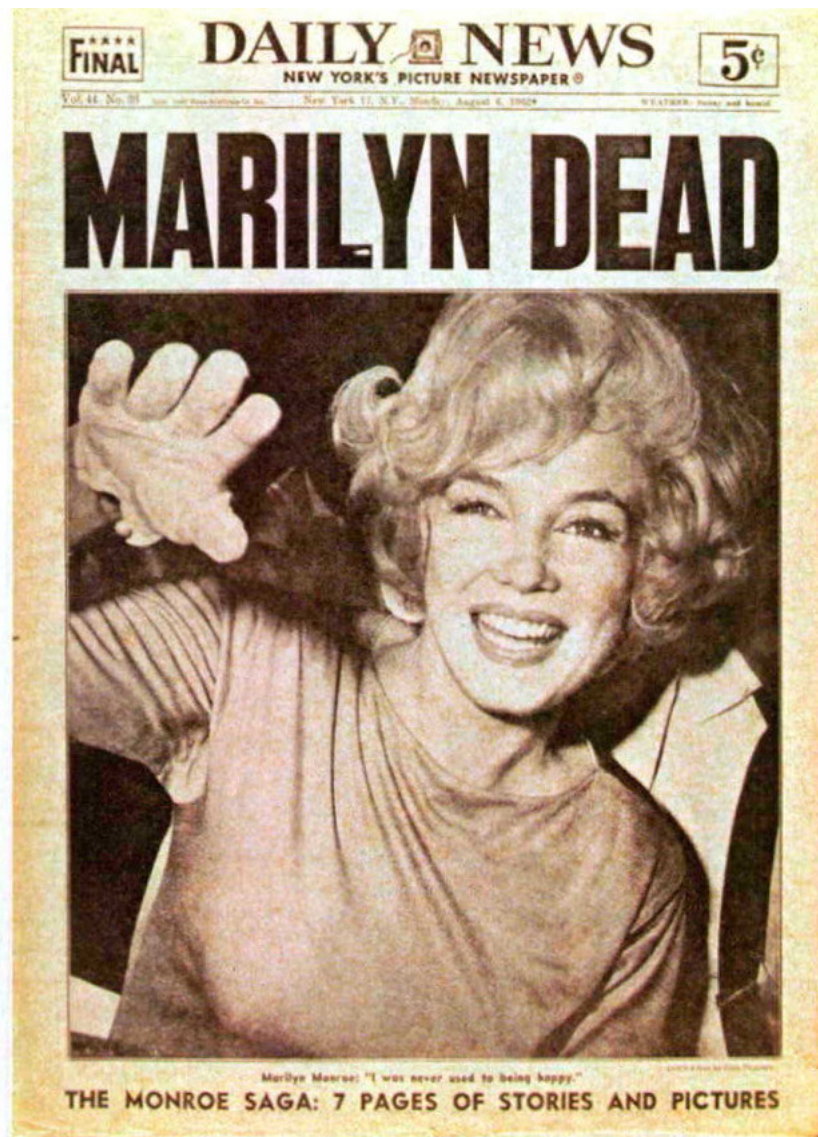
Junho de 1962, suite 261 do Hotel Bel-Air, em Los Angeles: Marilyn acordara fazer uma sessão fotográfica com Bert Stern para publicação na "Vogue". A ideia de Stern era, desde o início, "apanhar Marilyn Monroe sozinha num quarto, sem mais ninguém por ali, e tirar-lhe a roupa toda". Mas isso não era proposta que se fizesse, Stern foi com calma. Trouxera uns lenços de Nova Iorque com os quais pensava poder fazer algumas transparências, umas joias com motivos geométricos — e encomendara três garrafas de champanhe Dom Pérignon 1953. Quando Marilyn chegou, apenas com cinco horas de atraso, já a noite se aproximava. Stern pediu-lhe que quase não se maquilhasse, apenas um pouco de lápis nos olhos e báton nos lábios. Ela intuiu, ao ver os lenços, que ele queria que ela se despisse e foi acedendo, aos poucos, como quem se entrega. Stern voltaria para mais duas sessões — a "Vogue" queria moda, vestidos, fashion. E Stern fez-lhe a vontade, como não? Foi na última sessão que ele conseguiu, enfim, que a atriz tirasse a roupa toda, quando o champanhe começou a fazer o seu trabalho e a câmara de Stern possuiu a mais sublime visão que nos ficou de Marilyn. A história

está detalhada e magnificamente narrada num livro à venda por aí.

Momento milagroso, instantes perfeitos? É claro que sim. Mas também — Marilyn sabia como se gere a imagem — operação para revitalizar uma reputação que começava a estar bastante desgastada. Profundamente deprimida e dependente de álcool e fármacos, sempre à volta com psiquiatras, acabara de ser despedida, a meio da rodagem, do filme "Something's Got to Give" por manifesta incapacidade em cumprir o trabalho. A sua vida amorosa — um caos. Há quem testemunhe um comportamento zombi, sedado, a maior parte do tempo.

É sabermos tudo isso que dá às fotografias de Bert Stern um lado quase fantástico? Evidentemente — e também o facto de nunca mais ninguém ter estado assim tão perto, a agarrar a centelha vital de uma mulher como outra nunca houve.

Marilyn sabia como se gere a imagem — operação para revitalizar uma reputação que começava a estar desgastada



O cadinho para as teorias da conspiração em torno da sua morte não podia ter melhores ingredientes

4. A morte

5 de agosto de 1962: às 4h25 da madrugada, a polícia de Los Angeles recebe um telefonema do médico de Marilyn anunciando que ela estava morta. O sargento de piquete julgou que era uma brincadeira, mas, mesmo assim, foi ver o que se passava. Não era brincadeira nenhuma. Um frasco de Nembutal, que devia ter tido 25 comprimidos, estava vazio à cabeceira. A autópsia realizada depois confirmou a intoxicação por barbitúricos como causa de morte. O veredicto foi "provável suicídio". John Huston bem previra, em 1960: "Dentro de três anos estará morta ou institucionalizada."

A morte de Marilyn teve eco mundial — em Portugal, logo nesse dia, era notícia de primeira página em muitos jornais e também no "Diário de Lisboa". E as causas da morte nunca cessaram de ser analisadas, discutidas, questionadas. Nos anos seguintes, livros inteiros se escreveram sobre o assunto, alguns contendo as mais fantásticas teorias. É que, nos últimos tempos, ela estivera envolvida libidinosamente com Robert e John Kennedy, ambos no topo do poder do Estado americano, relação que ela queria, com mais insistência que prudência, prolongar. A CIA e o FBI

sabiam. E também os amigos menos recomendáveis de Frank Sinatra. O cadinho para as teorias da conspiração não podia ter melhores ingredientes.

Mas quem melhor falou da morte de Marilyn não foram os indagadores de arquivos secretos, foi um poeta: Ruy Belo. E disse, a abrir um longo e bellissimo poema:

"Morreu a mais bela mulher do mundo
tão bela que não só era assim bela
como mais que chamar-lhe marilyn
devíamos mas era reservar apenas para ela
o seco sóbrio simples nome de mulher
em vez de marilyn dizer mulher.

Não havia no fundo em todo o mundo outra mulher
mas ingeriu demasiados barbitúricos
uma noite ao deitar-se quando se sentiu sozinha
ou suspeitou que tinha errado a vida
ela de quem a vida a bem dizer não era digna
e que exibia vida mesmo quando a suprimia.
Não havia no mundo uma mulher mais bela mas
essa mulher um dia dispôs do direito
ao uso e ao abuso de ser bela
e decidiu de vez não mais o ser
nem doravante ser sequer mulher".



AFF/GETTY IMAGES

5. O ícone

Desde 1962, e, depois, um pouco ao longo de toda a década, Andy Warhol utilizou a figura de Marilyn como matéria para trabalhos seus. A partir de uma única fotografia, retrabalhada a cores marcantes, Warhol como que se apossou de uma imagem e a esventrou de conteúdo. Já não era uma atriz, nem aquela atriz, era um ícone de uma época, um emblema, um logótipo, uma imagem de marca ao mesmo nível que a lata de sopas Campbell ou o lettering da Coca-Cola. Algumas dessas obras foram, depois, multiplicadas serigraficamente, num gesto característico da arte pop.

Ao longo dos últimos 50 anos, nunca mais deixámos de ver Marilyn. Em lenços, em copos, em espelhos, em cartazes, em wallpapers — este ano sobre a fachada do Palácio dos Festivais, em Cannes —, a sua imagem tornou-se um símbolo do século XX, como Bogart, Guevara, Mao ou Lennon. Certamente muito mais popular como ícone que pelos seus filmes, Marilyn Monroe conheceu, neste último meio século uma permanência na atenção pública que nenhuma outra grande estrela de Hollywood alguma vez mereceu. Quem sabe hoje quem foi Rudolfo Valentino,

Theda Bara ou Mary Pickford — eles que foram deuses numa escala que nos é difícil imaginar — fora do bando iniciático dos historiadores de cinema ou dos ratos de cinemateca? E, mesmo no campo do cinema sonoro, quem se lembra da loiríssima e escandalosa Jean Harlow de quem tantas vezes se escreveu que Marilyn seria herdeira? Quase ninguém. Mas nenhuma alvorada ameaça os céus estrelados onde Marilyn tem continuado a habitar. A sua memorabilia tem registado uma constante valorização e continua a haver batalhas legais sobre os seus direitos de imagem que valem muitos milhões. Este ano, com o cinquentenário da sua morte, já se publicaram inúmeros livros um pouco por todo o mundo. O mito permanece vivo — e, se pudesse olhar para o que aqui se passa, a própria atriz se espantaria da durabilidade, ela que morreu no fundo da mais funda solidão. Marilyn permanece a iluminar o mundo como uma das boas coisas que vale a pena nele conhecer. ● revista@impresa.pt

O mito permanece vivo — e, se pudesse olhar para o que aqui se passa, a própria atriz se espantaria da durabilidade